

## O GENOCÍDIO DE RUANDA COMO O PRINCIPAL PROTAGONISTA DAS GUERRAS NA REPÚBLICA DEMOCRÁTICA DO CONGO

Daiane Lima dos Santos<sup>a</sup>, Gabriela Stefani<sup>a\*</sup>

a) FSG Centro Universitário

Informações de Submissão	Resumo
<p>*gabi.stefani4@hotmail.com Rua Os Dezoito do Forte, 2366 - Caxias do Sul - RS - CEP: 95020-472</p> <p>* dai_santos15@hotmail.com Rua Os Dezoito do Forte, 2366 - Caxias do Sul - RS - CEP: 95020-472</p>	<p>O presente artigo tem como objetivo relacionar o Genocídio de Ruanda, em 1994, com os conflitos posteriores na República Democrática do Congo (RDC), trazendo consigo pontos atuais de ambos países importantes para as Relações Internacionais. A pesquisa é relevante para as Relações Internacionais, porque relaciona dois grandes conflitos do continente africano, na região dos Grandes Lagos, que alcançaram um número altíssimo de mortes, seja por fome, assassinatos ou doenças. Um dos conflitos será conhecido como a Guerra Mundial Africana, devido a dimensão alcançada e o envolvimento de Estados Africanos. Analisa-se, portanto, a rivalidade mortal hutu-tutsi em Ruanda, contextualizando com a atuação de algumas potências e das Nações Unidas, juntamente com a fuga dos assassinos ruandeses refugiando-se no RDC sob a proteção dos franceses através da Operação Turquesa, do governo de Mobutu e, posteriormente, de Kabila. Evidenciando a bestialidade das Nações Unidas para prevenir e interromper o conflito e a rejeição por parte das grandes potências de agir em função de proteger as vítimas do genocídio. Acarretando na decisão de líderes ruandeses e ugandeses de tomar uma decisão para evitar que seus respectivos territórios sejam invadidos e sua população massacrada novamente.</p>
<p><b>Palavras-chave:</b></p> <p>Ruanda. Congo. Hutu-tutsi. Guerra Mundial Africana. UNAMIR</p>	

### 1 INTRODUÇÃO

No ano de 1994, o mundo assistiu timidamente o desenrolar de umas das piores atrocidades acontecidas na década de 90 na África, que custou a findar-se e não obteve auxílios para a sua interrupção. Portanto, o presente artigo busca analisar de que forma essa situação influenciou a realidade atual e os países vizinhos, com ênfase na República Democrática do Congo (RDC).

Buscou-se responder a seguinte pergunta para o presente estudo: de que forma o genocídio de Ruanda, em 1994, impactou conflitos posteriores na República Democrática do Congo? Consequentemente, a pesquisa contextualiza a Operação Turquesa, organizada pelos franceses, e a UNAMIR, missão de paz para Ruanda das Nações Unidas. Além disso, analisase os campos de refugiados, sob bandeiras de agências humanitárias, que serviram de bases para grupos guerrilheiros organizarem um novo ataque. De modo que a pesquisa torna-se relevante por relacionar três grandes conflitos africanos, que juntos alcançaram um número altíssimo de mortes.

A pesquisa foi embasada em cima de alguns artigos científicos e algumas teses de mestrados e doutorados disponíveis em sítios eletrônicos. Contudo, foi enfatizado a análise dos livros *Shake Hands With the Devil* de Roméo Dallaire (2004), *Gostaríamos de Informa-los que Amanhã seremos Mortos com nossas Famílias* de Philip Gourevitch (2006) e *Teoria das Relações Internacionais* de Gilberto Safarti (2005).

## **2 AS TEORIAS DAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS**

Aqueles que escolhem estudar as relações internacionais se deparam, desde cedo, com diversas teorias que sustentam pensamentos dentro das pesquisas deste âmbito. Causa disso é a juventude da área que nasceu somente em 1919, com a criação da primeira cátedra de Relações Internacionais por David Davies. Inicialmente, os objetivos desse campo era entender as causas da guerra, descobrir como preveni-las e como alcançar a paz. (SAFARTI, 2005).

Uma das teorias mais vigorantes e, talvez, a mais antiga é o Realismo, que possui um caráter pessimista e é sustentada por filósofos como Tucídides na obra *A Guerra do Peloponeso* ou Thomas Hobbes em *Leviatã*. Com o avanço da história do mundo, surgem novos pensadores que procuram adaptar e evoluir o pensamento realista para coincidir com os novos acontecimentos, como o desenvolvimento de bombas atômicas.

### **2.1 Níveis de Análise e Atores**

Devido a multiplicidade de teorias para as Relações Internacionais, nota-se a importância de se ter um foco para o estudo. Portanto, procura-se definir o nível de análise a ser seguido e os atores a dar ênfase. A diferença entre os dois é que enquanto o

nível de análise explicita o foco da explicação, os atores são os protagonistas das relações internacionais. (SAFARTI, 2005). Dessa forma, o presente artigo dará ênfase no Sistema Internacional provocando conflitos na África causados pelo sentimento de insegurança, advindos da má gestão de organizações internacionais, que mostra suas falhas.

## **2.2 O Neorrealismo**

No final da década de 1970, em meio a Guerra Fria, o mundo estava dividido entre dois lados: capitalista e socialista, Estados Unidos e União Soviética. Portanto, Kenneth Waltz, norte-americano, surge com a maior contribuição para a teoria neorrealista: a obra *Theory of International Politics* (1979). Buscando renovar o Realismo, Waltz também queria construir uma teoria geral das Relações Internacionais. (SAFARTI, 2005; GRIFFITHS, 2011).

A busca pelo poder é o que norteia as políticas dos Estados, principais atores das relações internacionais. A diferença básica entre o Realismo e o Neorrealismo está no nível de análise. O que torna a teoria neorrealista uma teoria sistêmica, que são aquelas que focam no sistema internacional. (SAFARTI, 2005). O Realismo foca no Estado como principal guia das relações internacionais e defende que o Sistema Internacional é anárquico, ou seja, há a ausência de uma entidade capaz de governar todos os Estados. Dessa forma, a anarquia permite que o homem esteja livre para buscar seus interesses, interesses estes que geralmente são conflitivos com de outro homem, resultando na guerra de todos contra todos.

O Neorrealismo de Kenneth Waltz, por sua vez, acredita que a anarquia “é tomada como significando não só a ausência de governo, mas também a presença de desordem e caos” (2002, p.159) e por isso há a busca incessante por segurança e poder, não porque é da natureza e está inerente ao homem, mas sim porque a estrutura do Sistema Internacional faz com que seja. Portanto, a anarquia é responsável pelo sentimento de obrigação dos Estados à procura de meios para sua preservação.

Assim como o Realismo, o Neorrealismo acredita que a cooperação estatal é possível, porém não pelo bem mundial, mas sim pelo bem do próprio Estado, de forma que um sistema de autoajuda na anarquia é um princípio de ação, visto que nenhum Estado agirá pela segurança do outro e sim somente pela sua. Outra premissa do

---

neorrealismo está nos atores não-estatais das relações internacionais, embora eles existam, não possuem caráter suficiente para alterar a estrutura do sistema internacional do jeito que somente Estados soberanos conseguem. A partir disso, Waltz defende que perante a anarquia, os Estados atuam pelo seu próprio bem e não pela preservação de uma organização internacional, tornando-as, de certa forma, inúteis (2002).

O conceito de Dilema de Segurança desenvolvido por John Herz é de extrema relevância para o neorrealismo e para o presente artigo. Significa que um Estado ao investir em sua segurança, faz com que outro estado se pergunte se é uma medida defensiva ou ameaçadora. Dessa forma, os estados desconfiados resolvem investir em armamentos para se proteger de um eventual ataque gerando um ciclo vicioso de insegurança. (SAFARTI, 2005).

Os Estados, atores unitários, que tem interesses de preservar-se e de deter o poder, agem de duas formas para que seus objetivos sejam alcançados: por meio dos esforços internos e esforços externos. Internamente, o governo vai procurar aumentar seu poder econômico, militar e desenvolver estratégias. No âmbito externo, os Estados procurarão fortalecer suas alianças com o intuito de enfraquecer uma oponente. Esse gesto é conhecido como a balança de poder, na qual estados aliam-se para deter o poder de outra aliança ou outro estado mais poderoso. Portanto, conclui-se que para o Neorrealismo a estrutura do sistema internacional é deveras importante, já que sendo anárquica faz com que Estados, para preservar sua segurança e alcançar seus objetivos, ajam de certa forma, seja através de cooperação, alianças ou investimentos em defesa.

### **3 ANTECEDENTES DO CONFLITO, O GENOCÍDIO E AS INTERVENÇÕES HUMANITÁRIAS**

Ruanda é um país extremamente pequeno localizado no continente africano, fronteiro ao Burundi, Uganda, Tanzânia e RD do Congo. A capital é Kigali, concentrando a maior parte da população. A etnia do país é deveras importante para entender os acontecimentos desde a chegada dos primeiros povos até os dias atuais, portanto a população divide-se em 84% hutus, 15% tutsis e 1% twa<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup>Sítio Eletrônico “The World Factbook – Central Intelligence Agency”. Acesso em 19 de Outubro de 2016.

Muitas vezes se pergunta o porquê do conflito em 1994 acontecer e como foi atingido um número tão alto de mortes em tão curto espaço de tempo, sendo que cerca de 800 mil pessoas foram assassinadas numa velocidade três vezes maior que o próprio Holocausto<sup>2</sup>. A resposta para essas perguntas começa na chegada dos primeiros povos no país, passando pela era da colonização, da independência e até 1994. De certa forma, houve um fator chave para incitar o ódio e, conseqüentemente, o genocídio: a colonização belga.

### 3.1 A Colonização Belga

O fator principal para a rivalidade étnica em Ruanda foi a colonização belga, visto que tanto hutus e tutsis migraram ao país originados de diferentes regiões, mas chegaram ao mesmo tempo e viviam pacificamente. A única diferença entre as duas etnias era sua profissão, enquanto tutsis trabalhavam com pecuária e eram pastores, os hutus eram lavradores. O gado valia mais que a produção agrícola e isso gerou desigualdade de riquezas entre as etnias.<sup>3</sup>

Com o tempo, hutus e tutsis passaram a falar a mesma língua, seguir a mesma religião, casar-se entre si e viver misturados, sem distinções territoriais, nas mesmas montanhas, compartilhando a mesma cultura política e social em pequenas aldeias. (...) Por meio de uma política de casamentos e vizinhança, os hutus tornaram-se herdeiros dos tutsis e os tutsis tornaram-se herdeiros dos hutus. (GOUREVITCH, 2006, p. 45).

Na Conferência de Berlim, 1885, Ruanda e Burundi<sup>4</sup> eram demarcados como colônias da Alemanha. Isso deve-se ao fato de que Burundi e Ruanda são bastante semelhantes, seja na sua história, na divisão dos povos e até mesmo na violência entre as mesmas etnias, hutu e tutsi. Uma vez que na era colonial eram considerados iguais, o território era chamado de Ruanda-Burundi<sup>5</sup>. Com a derrota alemã na Primeira Guerra

---

<sup>2</sup>GOUREVITCH, 2006.

<sup>3</sup>GOUREVITCH, 2006.

<sup>4</sup>País fronteiro a Ruanda ao sul.

<sup>5</sup>GOUREVITCH, 2006.

Mundial, a Liga das Nações<sup>6</sup> passou Ruanda para domínio belga como espólio de guerra. Começava-se uma nova era na história ruandesa.

A colonização belga transformou a desigualdade de renda entre hutus e tutsis, em uma desigualdade muito maior em questões sociais e políticas. Inicialmente, implantaram a religião católica em Ruanda, o que perpetua até hoje. Logo após, a Bélgica formulou cartilhas de identificação onde constava qual etnia o ruandês pertencia, tornando-se conhecido o fato de que tutsis representavam a minoria da população. Os belgas, sob uma ótica realista, viram ali uma oportunidade de aprimorar sua política colonial, dando poder quase ilimitado aos tutsis para a exploração hutu<sup>7</sup>.

Não demorou muito para que os oprimidos hutus começassem a clamar por maior igualdade de poder e liberdade para o país. Segundo Gourevitch, as lutas políticas e sociais de Ruanda nunca foram de fato para esses propósitos, o motivo verdadeiro era para decidir quem iria liderar o país e quem seria reprimido (2006, p. 56). A independência ruandesa ocorreu em julho de 1962, quando hutus tomam o poder e iniciam uma série de medidas repressivas e violentas contra a minoria tutsi.

### **3.2 O Genocídio**

No dia 6 de abril de 1994, o avião em que estavam o presidente ruandês Juvenal Habyarimana e o burundiano Cyprien Ntaryamira, foi derrubado por causas desconhecidas até hoje. Eles viajavam para selar o acordo de paz que colocaria um fim nas guerras civis entre hutu-tutsi em ambos países. O Burundi era um exemplo para a África, visto que foi primeiro país a eleger democraticamente um presidente, que estava disposto a acabar com as repressões e a guerra civil.<sup>8</sup> Contudo, o ataque ao avião e a morte dos dois presidentes reacenderam o conflito.

Ao longo de cem dias, professores mataram alunos, alunos mataram professores, pacientes mataram médicos, médicos mataram seus pacientes, pastores mataram seus

---

<sup>6</sup>Liga das Nações era, na época, uma organização internacional semelhante ao que as Nações Unidas são agora. Contudo, a Liga das Nações não existe mais justamente por não ter dado resultados positivos. Nesse caso, percebe-se que foi um erro passar Ruanda para as mãos belgas.

<sup>7</sup>GOUREVITCH, 2006.

<sup>8</sup>No caso do Burundi, as repressões eram contra hutus, já que o país atravessara quase trinta anos de ditadura tutsi. Cyprien Ntaryamira era hutu, assim como Habyarimana, e foi morto apenas quatro meses após sua posse democrática, agravando ainda mais o conflito hutu-tutsi no país. (GOUREVITCH, 2006, p. 99).

fiéis e os fiéis mataram seus pastores. Ruanda se tornou o inferno vivo da noite para o dia a partir da queda do avião dos dois presidentes. A mídia teve um papel fundamental para o massacre, foi através dos programas de rádio que interlocutores hutus extremistas incitaram a população assassinar seus vizinhos tutsis. O governo teve um papel ainda mais importante, nos primeiros dias do genocídio chegavam telefonemas a Roméo Dallaire<sup>9</sup> contando que via-se por todo o país a Guarda Presidencial, a Interahamwe<sup>10</sup>, a polícia e o exército invadindo casas a procura de tutsis para mata-los<sup>11</sup>.

Com a revolta iniciada em Ruanda, parecia óbvio para os militares do general Dallaire e das Nações Unidas, a permissão de utilizar qualquer tipo de força para defender os inocentes que necessitavam de proteção. Contudo, uma ligação diretamente de Nova Iorque informou ao general que suas tropas só poderiam utilizar a força se fossem atacados. Com o presidente morto, o governo estava nas mãos da primeira-ministra Agathe Uwilingiyimana que clamou que as tropas presentes no país colocasse a situação política sob controle. Contudo, em 7 de abril de 1994, Agathe foi morta com sua família pelos militares ruandeses e a UNAMIR<sup>12</sup> não pôde fazer nada para impedir.

Quando eu estava pronto, ele (Maurice) disse “UNAMIR não está, repito, não está, autorizada para atirar, a não ser que atirem primeiro.” Eu lembrei ele que nossas regras de compromisso nos permitiam intervir e usar escalas de força, incluindo uso de força mortal para prevenir crimes contra a humanidade. Ele repetiu que a UNAMIR não estava permitida a atirar a não ser para revidar – nós estávamos ali para negociar e, acima de tudo, evitar conflitos. (DALLAIRE, 2004, p. 229. Traduzido por Daiane Lima dos Santos e Gabriela Stefani).

O Genocídio foi arquitetado pelas Forças Armadas Ruandesas (FAR) e a milícia Interahamwe, ambas eram grupos radicais hutus, ligadas diretamente ao governo de Habyarimana e foram responsáveis pelas, no mínimo, 800 mil mortes de hutus

---

<sup>9</sup>Roméo Dallaire, autor do livro *Shake Hands With the Devil* (2004), foi o comandante das forças das Nações Unidas em Ruanda entre outubro de 1993 a agosto de 1994.

<sup>10</sup>Com a crise econômica em Ruanda, os jovens hutus desempregados começaram a ser recrutados pelas milícias civis de Ruanda. A mais violenta era a Interahamwe, que significa aqueles que lutam juntos, originou-se de torcida organizada de futebol e era patrocinadas pelo governo de Habyarimana. (SILVA, 2003, p. 75).

<sup>11</sup>Com a crise econômica em Ruanda, os jovens hutus desempregados começaram a ser recrutados pelas milícias civis de Ruanda. A mais violenta era a Interahamwe, que significa aqueles que lutam juntos, originou-se de torcida organizada de futebol e era patrocinadas pelo governo de Habyarimana. (SILVA, 2003, p. 75).

<sup>12</sup>UNAMIR é a Missão de Paz para Ruanda, citada no item 3.3.

moderados e tutsis. A arma mais usada no massacre foi o facão, os assassinatos sistemáticos em apenas 100 dias, foram cerca de três vezes mais rápido que o próprio Holocausto e só foi interrompido quando a Frente Patriótica Ruandesa (FPR)<sup>13</sup> invadiu Ruanda, expulsando os assassinos do país em direção a República Democrática do Congo<sup>14</sup>.

### 3.3 UNAMIR

A primeira missão para a região foi a UNOMUR (United Nations Observer Mission in Uganda and Rwanda) que contou com cerca de oitenta e um<sup>15</sup> militares não armados da organização internacional, que atuava na fronteira de Uganda. Apesar de a missão ter sido aprovada em junho pela ONU, processos burocráticos ligados ao problema de enviar uma tropa militar para um país visando a ajuda humanitária com imparcialidade, deviam ser solucionados para que os Estados envolvidos permitissem a chegada dessas tropas ao seu território. Dessa forma, as tropas só chegaram a Ruanda no dia 19 de agosto de 1993 e retornaram no dia 5 de setembro de 1993 para Nova Iorque<sup>16</sup>.

As alternativas para salvar Ruanda eram uma operação do chamado capítulo seis, tratando do conflito de maneira diplomática, ou o capítulo sete, sendo uma “paz forçada”. Ou seja, a ONU deveria sancionar uma colisão de nações para uma ofensiva militar forçada para impor a paz às partes conflitantes. Contudo, nenhuma nação estaria disposta a contribuir com o capítulo sete em um país sem estratégias militares de paz e segurança. Dessa forma, a única alternativa para salvar Ruanda, eram os métodos diplomáticos, sem tomar força para ambos os lados. Dallaire deveria buscar não intervir de maneira militar e atuar apenas de maneira diplomática. A missão, para a ONU, “deveria ser pequena, barata curta e doce”.<sup>17</sup>

Dias antes de abril, carregamentos de armas vindas do Egito, África do Sul e da França chegavam sem interrupção à Ruanda. A população sentiu que algo estava vindo,

---

<sup>13</sup>A Frente Patriótica Ruandesa era um grupo de tutsis refugiados em Uganda. A invasão à Ruanda para interromper o genocídio foi liderada por Paul Kagame, atual presidente de Ruanda.

<sup>14</sup>GOUREVTICH, 2006.

<sup>15</sup>Sítio Eletrônico “United Nations – UNOMUR: Facts and Figures”. Disponível em Acesso em 4 nov. 2016.

<sup>16</sup>DALLAIRE, 2004.

<sup>17</sup>DALLAIRE, 2004, p. 89



mas pensou estar protegida com a Missão de Assistência das Nações Unidas em Ruanda (UNAMIR), a segunda missão para Ruanda comandada pelo General Roméo Dallaire. A UNAMIR, voltada somente para os ruandeses, chegou no país em outubro e permaneceu até 1996, contando com seu maior número de membros entre maio de 1994 até junho de 1995, nesse período somava um total de 5.500<sup>18</sup> militares<sup>19</sup>.

Dois obstáculos impediram a atuação eficiente da missão. O primeiro deles é que as tropas da UNAMIR deveriam deixar o presidente Habyarimana ciente de qualquer passo dado pela mesma, tornando impossível agir a respeito das alegações de um possível massacre aos tutsis vindo do governo ruandês. Além disso, as grandes potências como os Estados Unidos, estiveram determinados a não fazer nada para ajudar Ruanda. Um dos motivos para a inação norte-americana foi o cálculo do custo de vida de seus soldados, para eles somente vale a pena arriscar seus militares em intervenções humanitárias que tragam resultados para os interesses do país, seja político, econômico, estratégico ou social.<sup>20</sup>

*A Presidential Decision Directives (PDD 25)*, documento elaborado entre os anos de 1993 e 1994, tinha como meta principal definir em que situações os Estados Unidos agiriam. Foi determinado que tão somente viriam a interferir em conflitos nos quais a segurança estadunidense fosse afetada diretamente, ou quando fosse de interesse nacional, levar os valores desse país ao resto do mundo. Ruanda, portanto, não representava ameaça a nenhum lugar do mundo, a não ser ao próprio continente africano. Além disso, no plano estratégico, Ruanda não despertava interesse algum, uma vez que se trata de um país pobre da África central, sem saída para o mar e sem riquezas econômicas que valessem a pena a investida. (ARAÚJO, 2012, p. 113-4).

O ódio hutu em relação à colonização belga foi descrito com a morte de dez soldados belgas, seus corpos foram encontrados nos fundos de um hospital ruandês e para o desespero do general Dallaire nada poderia ser feito a não ser reportar o incidente a Nova Iorque. O general descreve que os corpos estavam pilhados um em cima do outro e a contagem era difícil. A princípio haviam onze corpos, mas depois de separá-

---

<sup>18</sup>Cerca de 40 países contribuíram com a UNAMIR com militares ou policiais civis, a lista dos países auxiliares está disponível em Acesso em 2 nov. 2016.

<sup>19</sup>DALLAIRE, 2004; GOUREVITCH, 2006.

<sup>20</sup>ARAÚJO, 2012.

los para um funeral decente, ficou esclarecido serem dez corpos. (DALLAIRE, 2004, p. 255). Apesar das ordens para que todas as tropas de paz em Ruanda fossem evacuadas após esse incidente, Dallaire permaneceu com apenas 260 homens e fez tudo que estava a seu alcance pelos ruandeses.

### **3.4 Operação Turquesa e os Refugiados Hutus**

Enquanto os Estados Unidos buscavam formas de se livrar das consequências por não enviar tropas para acabar com o conflito, a França ansiava por um método que salvasse seus investimentos no país, ou seja, salvar os grupos extremistas e assassinos hutus<sup>21</sup>. Aos 72 dias do início do genocídio, no dia 15 de junho de 1994, os franceses anunciam querer enviar tropas à Ruanda para ajudar humanitariamente<sup>22</sup>. O país era o menos indicado para a tarefa devido a sua forte ligação com os atores dos assassinatos. A ação francesa parecia estar mais voltada a proteção dos genocidas, inseguros conforme a FPR avançava, do que a proteção das vítimas, propriamente ditas<sup>23</sup>.

A denominada Operação Turquesa (Opération Turquoise) foi fortemente criticada pelo general Dallaire e por líderes africanos, havia a dúvida da real intenção dos franceses em Ruanda. Nos dias 16 e 18 de junho, novos carregamentos de armas advindas da França chegaram ao país diretamente para as mãos do genocidas. Além disso, o Conselho de Segurança da ONU permitiu que a intervenção francesa possuísse um caráter agressivo que fora tão necessário quanto negado à UNAMIR<sup>24</sup>.

Os soldados franceses da “Opération Turquoise”, baseados na República Centro Africana, se deslocaram rapidamente para o noroeste ruandês, começando pela cidade de Gisenyi onde os representantes do “governo provisório” Hutu haviam se refugiado da investida da FPR. Assim que atravessaram a fronteira ruandesa, astropas francesas foram saudadas pela interahamwe e os demais grupos Hutus que haviam fugido para Gisenyi. (SILVA, 2003, p. 87).

Os objetivos da Operação Turquesa foram mudados de ajuda humanitária para transformar a zona controlada pelos franceses em uma zona protegida. Havia dúvidas sobre qual proteção a França se referia e quem seria protegido, já que naquele dado

---

<sup>21</sup>GOUREVITCH, 2006. SILVA, 2003.

<sup>22</sup>DALLAIRE, 2004.

<sup>23</sup>GOUREVITCH, 2006.

<sup>24</sup>Ibidem.

momento o país e a operação estavam sendo fortemente acusados de protegerem os genocidas hutus. Ao mesmo tempo, a FPR avançava no país e expulsavam os extremistas hutus de Ruanda, que acabavam refugiando-se em campos de refugiados nos países vizinhos. Para tutsis e hutus moderados, a salvação seria alcançar as zonas conquistadas pela FPR ou esperar que o grupo os alcançasse<sup>25</sup>.

A Operação Turquesa permitiu que o genocídio durasse por mais um mês, além de fornecer a proteção necessária para que os genocidas, ainda armados, atravessassem as fronteiras seguramente. Com a tomada de Ruanda pela FPR, liderada por Paul Kagame, os hutus buscaram formas de fugir o mais rápido possível com o medo de que o grupo praticasse o “genocídio inverso” como vingança. Parte desses hutus, sejam moderado ou membros da FAR (Frente Patriótica Ruandesas) e da *interahamwe* foram parar no Congo e acabaram sendo protegidos pelo governo congolês de Mobutu.

Os fugitivos eram aceitos de braços abertos por agências humanitárias que ingenuamente pensavam estar ajudando os ruandeses vítimas do conflito em Ruanda. Havia em Goma, cidade congoleza, um campo lotado de refugiados ruandeses que não tardou a desenvolver um surto de cólera. Gourevitch descreve que era comum homens, mulheres ou crianças caírem mortas, simplesmente por ter tomado gole da água que alguém havia urinado, defecado ou despejado um cadáver<sup>26</sup>.

Tropas do Zaire<sup>27</sup> haviam alegado estar desarmando os ruandeses à medida que eles atravessavam a fronteira, e grandes pilhas de facões e revólveres acumulavam-se de fato ao lado dos barracões de imigração (...) um oficial norte-americano telefonou a Washington e relacionou um espantoso arsenal de artilharia, carros blindados e armas leves que a ex-FAR<sup>28</sup> passava carregando à sua volta. Sob a égide desse exército amplamente intacto, e da *interahamwe*, os acampamentos rapidamente se organizaram como réplicas perfeitas do Estado do Poder Hutu<sup>29</sup> – a mesma disposição comunitária, os mesmo líderes, a mesma rígida hierarquia, a mesma propaganda, a mesma violência. Nesse regime, os humanitários eram tratados em grande parte como os empregados de

---

<sup>25</sup> GOUREVITCH, 2006

<sup>26</sup> Ibidem, p. 160-1.

<sup>27</sup> República Democrática do Congo atualmente

<sup>28</sup> Ex-FAR se refere ao antigo exército ruandês, as Força Armadas Ruandesas, que tornou-se ex-FAR com a tomada de Ruanda pela Frente Patriótica Ruandesa.

<sup>29</sup> O autor Gourevitch se refere ao “Poder Hutu” para aqueles que seguem a ideologia do genocídio. (2006, p. 17)

um hotel decadente ocupado pela máfia. (GOUREVITCH, 2006, p. 162).

Os campos de refugiados transformaram o conflito de Ruanda em um conflito regional. Abaixo das bandeiras das agências humanitárias, especialmente da UNHCR (Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados), os genocidas preparavam-se para terminar a árdua tarefa que havia começado com os tutsis ruandeses. A maior parte desses hutus estavam concentrados no Quênia e no Congo, ambos países possuíam presidentes corruptos e íntimos de Habyarimana<sup>30</sup>. Aqueles que chegavam ao Congo tinham as intenções claras de conseguir apoio da população hutu congoleza<sup>31</sup> e a proteção de Mobutu acabou financiando e protegendo esse projeto. Mais tarde, a posição do presidente acabaria por desencadear a Primeira Guerra do Congo e tira-lo do poder<sup>32</sup>.

#### 4 A PRIMEIRA GUERRA DO CONGO

Pode-se dizer que a Primeira Guerra do Congo, ocorrida em outubro de 1996 a maio de 1997 desencadeou-se por uma série de fatores. Um deles é referente ao pedido dos Estados Unidos e da França para a redemocratização do país, uma vez que com o fim da Guerra Fria, fazia-se necessário um ajuste no sistema internacional e Mobutu Sese Seko já estava no poder desde 1965. O cenário de alternância de poder e liberalização política no país influenciou diretamente nas relações entre grupos étnicos congolezes, visto que o presidente estava protegendo os genocidas colocando em perigo não somente os tutsis congolezes, mas também o povo de Ruanda, Uganda e Burundi<sup>33</sup>.

Nos anos seguintes ao genocídio, as forças da ex-FAR e da *interahamwe* continuavam tentando terminar de exterminar os tutsis. Além de treinar e armar os hutus congolezes, era comum ver criminosos ultrapassando a fronteira para atacar sobreviventes ou testemunhas do genocídio ou bombardear alguma coisa do país. A

---

<sup>30</sup> Mobutu, presidente do RD do Congo, se referia a Habyarimana como seu “irmãozinho”. (GOUREVITCH, 2006, p. 248).

<sup>31</sup> GOUREVITCH, 2006.

<sup>32</sup> CASTELLANO, 2012.

<sup>33</sup> Ibidem.

proteção de Mobutu aos culpados hutus fez com que Ruanda, Uganda, Burundi e Angola formassem uma aliança para destituir Mobutu do poder<sup>34</sup>.

#### 4.1 Aliança de Forças Democráticas pela Libertação do Congo (AFDL)

Inicialmente a ideia para a deposição de Mobutu veio do presidente ugandês, Yoweri Museveni, sendo retomada mais tarde pelo presidente tanzaniano. Com vista as suas preocupações Museveni, Nyerere<sup>35</sup> e Paul Kagame, presidente ruandês, começaram a procurar um congolês adequado para colocar no lugar de Mobutu e suprir seus interesses. Acabaram por escolher Laurent Kabila. O escolhido era um antigo guerrilheiro de esquerda que estava internado na Tanzânia, havia estudado na França e foi indicado pelo próprio Nyerere<sup>36</sup>.

Sob liderança de Kabila, o grupo rebelde que invadiria o RD do Congo para a deposição de Mobutu chamava-se Aliança de Forças Democráticas para Libertação do Congo (AFDL) que começou a atuar em julho de 1996, mas intensificou-se em outubro do mesmo ano. Os países dando suporte a AFDL eram, principalmente, Angola, Ruanda e Uganda. A guerra propriamente dita foi rápida, devido à falta de preparação das forças armadas do Congo, que contava com o apoio da ex-FAR, os *interahamwe* e grupos guerrilheiros de oposição do Burundi, Uganda e Angola. Em seis meses, Kabila já estava no poder<sup>37</sup>.

Em relação à participação de Uganda no conflito, pode-se dizer que o país simpatizava com FPR, na qual havia ajudado a chegar ao poder<sup>38</sup> e era uma segunda casa de muitos combatentes da frente. Entretanto, o principal motivo era que o Congo estava sendo usado como base para grupos guerrilheiros ugandenses<sup>39</sup> que planejavam um ataque ao presidente Museveni e estavam sob proteção de Mobutu. Angola, por sua vez, atuava dando suporte a AFDL e Kabila justamente por razões semelhantes a Uganda. Mobutu providenciava suporte para o grupo de oposição ao governo angolano

---

<sup>34</sup> GOUREVITCH, 2006.

<sup>35</sup> Mwalimu Julius Nyerere, presidente da Tanzânia.

<sup>36</sup> CASTELLANO, 2012.

<sup>37</sup> Ibidem.

<sup>38</sup> “Uganda (...) solidarizava com a causa do FPR, o qual havia ajudado a chegar ao poder” (CASTELLANO, 2012, p. 133).

<sup>39</sup> Exército de Resistência do Senhor, *West Nile Bank Front* e Forças Democráticas Aliadas eram alguns desses grupos e suspeitasse que alguns desses eram financiados pelo governo sudanês, inimigo dos ugandenses.

---

União Nacional para a Independência Total da Angola (UNITA), que também possuía suas bases no RD do Congo.

#### 4.2 Consequências da Primeira Guerra do Congo

Como consequência a Primeira Guerra do Congo trouxe, inicialmente, a deposição de Mobutu e a posse de Laurent Kabila juntamente com assessores ruandeses e ugandeses em setores como gabinete e forças armadas. A abertura política tão almejada não vingou, visto que Kabila garantiu-lhe o controle do Executivo, Legislativo e Judiciário<sup>40</sup>, além de que os grupos sociais que influenciavam o Congo eram as elites vencedoras da guerra e boa parte das riquezas naturais do país iam a esses grupos pelos esforços de guerra. As novas Forças Armadas do Congo eram formadas também por estrangeiros e o país era fortemente dependente de forças externas<sup>41</sup>.

Não tardou a ser visível a incapacidade administrativa de Kabila e a semelhança com o governo de Mobutu, principalmente no que se refere ao tratamento aos tutsis congolezes. O atual presidente manteve suas preocupações concentradas nos países vizinhos, aliados de guerra, com medo de que sofresse um golpe advindos de Uganda e Ruanda. Por isso, em 1998, Kabila decidiu romper com as forças externas e expulsar todos estrangeiros que ocupavam algum papel no governo. As forças governamentais de segurança não tardaram a atacar repressivamente os tutsis do país, Uganda e Ruanda acusaram o presidente de não prevenir atividades de hutus no território, portanto, as razões para a Segunda Guerra do Congo estavam preparadas<sup>42</sup>.

Se a preocupação inicial de Kabila era preferencialmente com os países vizinhos que o haviam colocado no poder, o novo presidente pouco se importava com o apoio doméstico<sup>43</sup>, o diálogo com a oposição ou a abertura de espaços políticos (DUNN, 2002). A “desinclinação para dividir o poder” (GONDOLA, 2002:163) com os próprios congolezes foi vista já em meados de 1997, quando sinais de autoritarismo começaram a ser dados – com o impedimento de liberdades básicas, prisões, repressão política de opositores e assassinatos individuais e coletivos. (CASTELLANO, 2012, p. 142).

---

<sup>40</sup> Mobutu numa tentativa para a abertura política elaborou um Ato de Transição, Kabila ao chegar ao poder anula esse Ato controlando os três poderes do governo. (CASTELLANO, 2012).

<sup>41</sup> CASTELLANO, 2012.

<sup>42</sup> Ibidem.

<sup>43</sup> Castellano descreve que a ineficiência de Kabila para o cargo de presidente era tamanha que o próprio desconhecia a língua Lingala, a língua usada pelo exército e pela capital. (2012, p. 141).

---

## 5 GUERRA MUNDIAL AFRICANA

Denomina-se Guerra Mundial Africana para a Segunda Guerra do Congo (1998-2003) por semelhar-se ao cenário da Primeira Guerra Mundial (1914-18) que devastou a Europa e ceifou 15 milhões de pessoas. A guerra no Congo, durando quase o mesmo tempo, gerou 3,8 milhões<sup>44</sup> de mortes em um só país e envolveu quase a mesma quantidade de países que a primeira Grande Guerra. De um lado havia Uganda, Ruanda e Burundi como invasores ao território congolês, que acusaram Kabila de não prevenir, nem erradicar e, possivelmente, apoiar grupos guerrilheiros que colocavam estes países sob ameaça. E apoiando o RD do Congo, havia o Zimbábue, Angola, Namíbia, Sudão, Chade e Líbia.

### 5.1 Principais protagonistas da Segunda Guerra do Congo

O envolvimento de ruandeses na Segunda Guerra do Congo explica-se por três razões: segurança, humanitária e econômica. No que diz respeito à razão de segurança, não é surpresa que Ruanda invadiu o país após ter conhecimento de que Kabila estava treinando e armando a ex-FAR e os *interahamwe*. A insegurança gerada a partir dessa informação justifica-se na vulnerabilidade de um pequeno estado, de uma população que fora massacrada pelos mesmos grupos e que estava sofrendo, constantemente, ataques na fronteira ainda mais frequente e violento do que durante o governo Mobutu. No que se refere a razão humanitária para o envolvimento ruandês na guerra, foi a intenção de proteger tutsis congolezes que estavam sendo mortos ou reprimidos por congolezes nativos ou por refugiados hutus no Congo. A respeito da razão econômica desde a primeira guerra no país já se sabia da quantidade de recursos naturais disponíveis e sua utilização geraria o combustível para a manutenção e continuação do conflito<sup>45</sup>.

O mesmo sentimento de insegurança que motivou Ruanda a agir, também afetou os ugandenses. Museveni, presidente ugandês, temia os grupos rebeldes que além de serem apoiados pelo Sudão, estavam em operação no Congo e atacavam, efetivamente, o território e a população de Uganda. Além disso, motivos econômicos também estavam em pauta. O país buscava extrair recursos naturais como ouro, madeira e diamante

---

<sup>44</sup> WHITE, 2012.

<sup>45</sup> CASTELLANO, 2012; WILLIAMS, 2013.

presentes nas terras congolezas. Os interesses burundianos, por sua vez, em entrar na guerra foram semelhantes aos de Ruanda e Uganda. O Burundi buscava repelir a ameaça dos grupos rebeldes hutus Força pela Defesa da Democracia (FDD) e Forças Nacionais de Libertação – Burundi (FNL), que também tinha suporte e bases no RD do Congo<sup>46</sup>.

A Angola lutara ao lado de Uganda e Ruanda para a destituição de Mobutu com o objetivo de eliminar a ameaça da UNITA, grupo de oposição rebelde angolano. Entretanto, o país estava ao lado de Kabila na Segunda Guerra do Congo e foi fundamental para seu fortalecimento durante o conflito. Seu envolvimento justifica-se a partir da informação de que o líder da UNITA tinha feito viagens a Kigali e Kampala, capitais de Ruanda e Uganda, respectivamente. Além disso, tropas ugandenses e ruandesas havia estado próximas a Cabinda, território angolano que está desconectado do país e possui região rica em petróleo, e à própria Angola, viu-se a partir disso que era preciso proteger fortemente seu próprio território<sup>47</sup>.

Além de países chaves, como Angola, ao lado de Kabila, o presidente pôde contar com tropas vindas do Zimbábue, Namíbia e Chade. E o apoio de grupos rebeldes ruandeses, como a ex-FAR (ex-Forças Armadas Ruandesas), a *interahamwe*; ugandenses, como ADF (Forças Democráticas Armadas) e *West Nile Bank Front*; burundianos, como FDD (Forças pela Defesa da Democracia) e FNL (Forças Nacionais de Libertação); e as milícias congolezas Mai-Mai<sup>48</sup>.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Bélgica colonizou tanto a República Democrática do Congo quanto Ruanda. Os dois países se assemelham quando se trata de líderes colocando seus próprios interesses frente aos interesses da população. Kabila é um exemplo. Após o genocídio, a sociedade ruandesa pôde contar com uma maior participação das mulheres em papéis importantes ao país<sup>49</sup>. Paul Kagame, atual presidente de Ruanda desde 1994, proibiu o

---

<sup>46</sup> Ibidem.

<sup>47</sup> CASTELLANO, 2012; WILLIAMS, 2013.

<sup>48</sup> O Mai-Mai é um grupo que procura defender seu território contra grupos armados.

<sup>49</sup> LIPP, 2013.



uso de etnias no país<sup>50</sup>. Para uns essa iniciativa traz bons resultados, para outros apenas atrasa o perdão que os ruandeses tanto precisam. Além disso, Kagame projetou a “Visão 2020”, na qual pretende melhorar a vida dos cidadãos do país<sup>51</sup>. Ainda há muitos obstáculos para o país e levará muito tempo para que o massacre e o sentimento de abandono sejam esquecidos.

A partir deste presente artigo, pode-se dizer que o genocídio de Ruanda, em 1994, foi o principal causador das guerras posteriores na República Democrática do Congo. Em ambas guerras, os ruandeses atuaram sob a ótica do dilema de segurança como consequência da estrutura anárquica do sistema internacional. Kagame decidiu agir invadindo o território congolês, temendo que a crescente força dos rebeldes hutus culpados pelo genocídio, pudessem enfraquecer e desestabilizar seu país. Uganda e Burundi aliaram-se a causa temendo o crescimento de grupos guerrilheiros de oposição e seguindo a ótica de que “inimigo do meu inimigo é meu amigo”. Na primeira guerra, Angola agiu sob a mesma ótica que os ugandeses e burundianos, porém com a proximidade crescendo entre o governo de Uganda e Ruanda com o principal inimigo angolano, o país decidiu mudar de lado.

As organizações internacionais mostraram-se inúteis nos conflitos abordados nesse artigo. A estrutura anárquica do sistema internacional permite que não haja nenhuma autoridade acima dos Estados e foi exatamente isso que o Genocídio de 1994 e as duas Guerras no Congo mostraram. As unidades políticas no sistema internacional atuam em busca de seus próprios interesses e não pelos interesses alheios ou de uma organização. Isso justifica a inação dos Estados Unidos e demais potências responsáveis pelas missões de paz em Ruanda. Além ter sido insuficiente, a atuação dessa organização demonstrou efetividade para piorar a situação das vítimas ruandesas quando acolheu criminosos hutus, tornando os campos de refugiados em sedes administrativas dos genocidas para o planejamento de um novo ataque aos tutsis.

Houve resistência por parte dos estadunidenses e britânicos ao usar a palavra genocídio para o conflito, porque essa menção faria com que os países agissem perante as leis internacionais. Apesar disso, 454 pacificadores resolveram permanecer em

---

<sup>50</sup> Sítio eletrônico BBC BRASIL. Disponível em: <[http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/04/140407\\_ruanda\\_genocidio\\_ms](http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/04/140407_ruanda_genocidio_ms)> Acesso em 3 nov. 2016.

<sup>51</sup> MENDONÇA, 2013

Ruanda durante o conflito e, juntos com Dallaire, conseguiram salvar cerca de 32.000 pessoas que certamente seriam mortas<sup>52</sup>. O presente artigo finaliza-se puramente sob a ótica neorrealista, entretanto fecho o texto com a citação de Gourevitch que conta outra história ruandesa.

Um prisioneiro explicou na televisão que o massacre a um internato em 1997 era parte de uma campanha de “libertação” do Poder Hutu. Seu bando, de 150 militantes, era composto em grande parte por membros da ex-FAR e da *interahamwe*. Durante seu ataque à escola em Gisenyi, as alunas, adolescentes que haviam sido arrancadas do sono, receberam a ordem de se separarem – tutsis de um lado, hutus do outro. Mas as alunas haviam se recusado. As garotas disseram que eram simplesmente ruandesas, e por isso foram espancadas e alvejadas indiscriminadamente. Os ruandeses não tem necessidades de novos mártires – nem espaço para eles em sua imaginação lotada de cadáveres. Nenhum de nós tem. Mas não poderíamos criar um pouco de coragem inspirados no exemplo daquelas bravas garotas hutus que poderiam ter escolhido viver, mas em vez disso escolheram chamar a si próprias de ruandesas? (GOUREVITCH, 2006, p. 347-8).

## 7 REFERÊNCIAS

ARAUJO, Cintia Ribeiro de. **O Genocídio de Ruanda e a Dinâmica da Inação Estadunidense**. UNESP/UNICAMP/PUC-SP. Disponível em <[http://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/93738/araujo\\_cr\\_me\\_mar.pdf?sequence=1](http://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/93738/araujo_cr_me_mar.pdf?sequence=1)> Acesso em 1 nov. 2016.

BBC BRASIL. **Entenda o genocídio de Ruanda de 1994: 800 mil mortes em cem dias**. Disponível em <[http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/04/140407\\_ruanda\\_genocidio\\_ms](http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/04/140407_ruanda_genocidio_ms)> Acesso em 3 nov. 2016

CASTELLANO DA SILVA, Igor. Congo, a guerra mundial africana: conflitos armados, construção do estados e alternativas para a paz. 1 ed. Porto Alegre: Leitura XXI/CEBRAFRICA/UFRGS, 2012.

---

<sup>52</sup> DALLAIRE, 2004.

CENTRAL INTELLIGENCE AGENCY. **The World Factbook**. Disponível em <<https://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/geos/rw.html>>. Acesso em 19 de out. 2016.

DALLAIRE, Roméo. **Shake Hands with the Devil: The failure of humanity in Rwanda**. Canadá: Vintage Canada, 2004.

GOUREVITCH, Philip. **Gostaríamos de informa-los que amanhã seremos mortos com nossas famílias: histórias de Ruanda**. Trad.: José Geraldo Couto. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

GRIFFITHS, Martin. **50 Grandes estrategistas das relações internacionais**. 2 ed. Trad.: Vânia de Castro. São Paulo: Contexto, 2011.

LIPP, Camila Soares. Relações de Gênero em Ruanda no Período Pós-Genocídio: Mudanças de Fato? **Revista de Direitos Fundamentais e Democracia**. Curitiba, v. 13, p.281-304. 2013.

MENDONÇA, Marina Gusmão. O Genocídio em Ruanda e a inércia da comunidade internacional. **Brazilian Journal International Relations**, v.2, p.1-29, 2013.

SAFARTI, Gilberto. **Teorias das Relações Internacionais**. São Paulo: Saraiva, 2005.

SILVA, Alexandre dos Santos. **A intervenção humanitária em três quase-Estados africanos: Somália, Ruanda e Libéria**. Rio de Janeiro, 2003. 214p. Dissertação de Mestrado - Instituto de Relações Internacionais, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

UNITED NATIONS, **Unomur: Facts and Figures**. Disponível em: <<http://www.un.org/en/peacekeeping/missions/past/unomurfacts.html>> Acesso em 4 de nov. 2016.

VENUGOPALAN, Harish. Understanding the Conflict in Congo. **Observer Research Foundation**, n. 139, p. 1-12, 2016.

VOGEL, Christoph. Causes of the Congolese Civil Wars and their implications for Humanitarian Assistance. **Cologne University**, p. 1-24, 2011.

WALTZ, Kenneth. **Teoria das Relações Internacionais**. 1 ed. Trad.: Maria Luísa Felgueiras Gayo. Lisboa: Gradiva, 2002.

WEISS, Herbert. War and Peace in the Democratic Republic of the Congo. **Nordiska Afrikainstitutet**, n. 22, p. 1-28, 2000.

WHITE, Matthew. **O Grande Livro das coisas Horríveis**: a crônica definitiva das cem piores atrocidades da história. Trad.: Sergio Moraes Rego. Rio de Janeiro: Rocco, 2013.

WILLIAMS, Christopher. Explaining the Great War in Africa: How Conflicts in the Congo Became a Continental Crisis. **The Fletcher Forum of World Affairs**, v. 37, p. 81-100, 2013.